

## OBSERVAÇÕES SOBRE O “PASSADO NÃO SUPERADO”

Benno von Wiese  
 Die Zeit, nº 52, 25/12/1964, pp. 9-11.  
 Tradução de Adriano Correia

Nas últimas semanas, o debate crítico sobre indivíduos, instituições, declarações e rumores chegou a tal ponto que pode fazer sentido e ser justificado que um membro da geração de professores universitários particularmente afetada nesse caso, que não foi emigrante nem vítima do regime nazista de qualquer outra forma, faça nesse momento alguns comentários factuais sobre o assunto.

Gostaria de começar dizendo que considero o confronto intelectual com nosso “passado não resolvido” tão importante quanto o reivindicado há algumas semanas na declaração dos “Sete” no jornal *Die Zeit*<sup>1</sup>. Ao mesmo tempo, no entanto, sou da opinião de que o caminho frequentemente seguido até o momento, de difamar e denunciar individualmente pessoas que estão agora envolvidas na vida pública da universidade com base em publicações remotas que datam de décadas atrás, pode não ser o correto. Cada pessoa não é apenas um todo indivisível, mas também um ser que se desenvolve e passa por etapas de desenvolvimento. É assim e só assim que ela poderá ser julgada, no decorrer da sua vida, em seus erros, em suas mudanças e em suas conquistas. Não se pode negar que a geração de intelectuais que iniciou sua carreira pública nos anos do regime nazista sucumbiu mais ou menos à influência de um espírito da época (*Zeitgeist*) desastroso, embora em graus muito diferentes. Um dos motivos para isso, certamente não o único, pode ter sido a atitude excessivamente “apolítica” dos jovens daquela na época.

Hoje em dia pode-se lidar de diferentes maneiras com esse fato histórico. Pode-se, por exemplo, reprimi-lo no subconsciente, encobri-lo ou minimizá-lo. É compreensível que a tentação de fazer isso seja particularmente forte para minha faixa etária. Ninguém gosta de admitir que já pensou errado ou até mesmo agiu de forma errada. Além disso, muitos acreditam que, ao admitirem uma parte relativamente pequena, como a “mera” filiação partidária, tornar-se-ão objeto de acusações que se estendem aos crimes horríveis sobre os quais lemos todos os dias hoje. Esse “ninguém” se vê como parte de uma frente à qual não quer pertencer nem pertence. Parece-me justificado que ele se defenda contra isso. O diabólico é que infelizmente não é tão fácil determinar quando e onde começam a culpa e o horror que mais tarde se tornaram tão evidentes. No entanto, é preciso ter cuidado para não acusar praticamente todas as pessoas que tiveram que viver na Alemanha durante esse período, com exceção dos raros e magníficos exemplos de resistência *inequívoca*, muitas vezes à custa de suas vidas, que infelizmente não podem ser usados como referência, mas devem permanecer como modelo.

Para que eu não incorra na censura de que estou falando arrogantemente de cima para baixo, declaro expressamente que assim como muitos outros não fui mais capaz de me manter

---

<sup>1</sup> Ver texto introdutório.

completamente livre do “espírito da época” (*Zeitgeist*), mesmo que eu tentasse cada vez mais me distanciar dele e adotar uma posição completamente diferente. Pois esse “espírito da época” se revelou cada vez mais claramente como um “não-espírito” (“*Ungeist*”).

Após essas considerações, posso e permito-me dizer algumas coisas sobre aqueles que facilitam demais as coisas para si mesmos hoje em dia, quando como pessoas mais jovens, não afetados pela época em que nasceram, julgam os mais velhos. As concepções históricas de 1964 e os padrões de valor de nossa época não podem ser simplesmente transferidos sem questionamento e, portanto, de forma acrítica para o período histórico em questão. O complexo histórico do “Nacional-Socialismo” inicialmente foi um caldeirão de correntes diversas e até mesmo divergentes; por exemplo, as correntes chamadas “nacional” (“*Völkische*”) e “racial” (“*Rassische*”) não eram inicialmente idênticas; o “movimento” passou por muitas fases imprevisíveis, inclusive na história de vida de cada indivíduo, de modo que julgamentos abrangentes não são apropriados aqui. É muito mais fácil julgar algo retroativamente e depreciar sua função do que chegar à percepção correta no início de um processo histórico. Os documentos da época não devem ser lidos como se estivessem falando para um público contemporâneo. Sem o conhecimento das condições históricas, os julgamentos estarão fadados a ser distorcidos. É muito mais fácil julgar um regime criminoso em um momento em que se está familiarizado com ele, porque já se passou por ele, do que em um momento anterior, quando se desconhecia mais ou menos esse regime, sem qualquer possibilidade de comparação. Obviamente, isso não significa que o passado deva ser removido para uma esfera “livre de valores”. O que foi dito e feito naquela época não pode nem deve ser desculpado, muito menos negado, mas sua valoração não pode se basear apenas em uma visão preto e branco, que negligencia impacientemente o conhecimento das condições históricas.

O papel desempenhado pelos estudos alemães como uma ciência e seus representantes na época, e até que ponto eles eram particularmente suscetíveis devido à pré-história dessa ciência, é algo teria de ser esclarecido em investigações muito precisas e puramente factuais. Hoje não é difícil combater o romantismo alemão e rejeitar a ideia de literatura nacional; nos últimos anos do regime nazista, por outro lado, era preciso coragem até mesmo para reconhecer a era do Iluminismo. É muito fácil ser seduzido pelos padrões de sua própria época quando esses valores são enfatizados.

A geração jovem de hoje tende a ter uma perspectiva a-histórica. Vejo um perigo nisso. Vou dar um exemplo. Às vezes, ouve-se jovens estudantes dizerem que teriam se comportado de maneira diferente na época anteriores – felizmente, não tiveram de vivenciá-la. E a justificativa dada para isto é: com algum raciocínio deveríamos ter previsto os desenvolvimentos futuros naquela época. Só posso esperar com dúvidas que eles teriam se comportado de maneira diferente ou que o façam quando confrontados com um teste moral análogo. É claro que não posso aceitar a justificativa deles. Em retrospecto, algumas coisas aparecem à luz de uma necessidade e de uma previsibilidade históricas que não existiam durante o próprio processo. Em nenhuma circunstância, entretanto, essa suposta necessidade deve ser usada para absolver pessoas retrospectivamente ou, ao

contrário, para acusá-las retrospectivamente. O período de 1933 a 1945 foi um algo muito complexo. No início deste processo, muitas coisas pareciam muito diferentes do que eram em 1936/37 ou 1939/40. Do meu próprio círculo de amigos conheço o caso de um jovem acadêmico que de acordo com sua perspectiva na época, era a favor do movimento de unidade nacional em 1933 e, mais tarde, foi associado a círculos de resistência e perdeu a vida por causa disso. As manifestações a favor e contra o Nacional Socialismo ocorreram em níveis muito diferentes, muitas vezes pela mesma pessoa, especialmente porque a resistência dentro da Alemanha não era possível sem “camuflagem”. É claro que algumas pessoas se justificam hoje com esta camuflagem, sem serem muito convincentes. Afinal de contas, não éramos apenas um povo que andava camuflado. No entanto, é muito difícil distinguir isso de forma justa em casos individuais!

É totalmente compreensível que a revelação dos graves crimes nazistas tenha desencadeado uma enxurrada de novas acusações contra muitos que ensinaram e escreveram naquela época, mas que com isso ainda não haviam cometido crimes. Mas essas acusações não deveriam ser feitas de uma forma que fatalmente lembra os métodos usuais da época. Certamente, seu efeito é hoje muito menos perigoso, mas os métodos, desde a denúncia anônima até a busca ávida por citações isoladas, agora incriminadoras, que não são vistas no contexto da personalidade geral e da trajetória de vida do indivíduo, continuam questionáveis. De qualquer forma, a pessoa que faz a acusação também deve responder por ela com seu próprio nome.

Relembrar o passado – e somente pela lembrança é possível se reconciliar com ele – não pode significar que toda uma geração que esteve publicamente ativa por décadas deva agora ser ridicularizada. É óbvio por que é tão difícil para eles reagirem a isso. As vítimas do regime nazista, na medida em que emigraram ou sobreviveram, tiveram mais facilidade nesse aspecto, e é claro que somente nesse aspecto. Mas, na maioria dos casos, elas não queriam uma posição especial, e um dos aspectos agradáveis do desenvolvimento alemão no período pós-guerra foi que muitos dos que retornaram conseguiram se reconciliar e trabalhar em conjunto com os que permaneceram na Alemanha. Por que se deveria reabrir novamente uma rachadura que já se fechou *organicamente*? Além disso, por que as gerações mais velhas e mais jovens devem ser colocadas uma contra a outra? Preocupa-me que uma rachadura desnecessária possa surgir aqui ou, se ela já existe, que possa se ampliar. A comunicação sincera e, se necessário, até mesmo implacável, parece-me ser mais necessária do que nunca em *todo* o círculo da intelectualidade. Não devemos destruir propositalmente o caminho que já começamos.

Desde o colapso do regime nazista, professores de tipos muito diferentes ocupam hoje as cátedras alemãs. Dificilmente os nacional-socialistas convictos e incorrigíveis estarão mais entre eles. As frentes e as divergências mudaram demais para isso. Certamente ainda há alguns cuja consciência ainda está perturbada e que, portanto, ainda não conseguem libertar-se da sombra do passado. Certamente há outros que estão mais confortáveis e não querem mais ouvir falar sobre isso. Mas também temos um número suficiente de pessoas que já seguiram em frente e estão tentando dar a

uma nova geração princípios orientadores diferentes e melhores e, acima de tudo, uma nova compreensão da ciência. Não vejo razão para que ambas as gerações não possam aprender uma com a outra. Entretanto, as duas gerações enfrentam perigos diferentes. A geração mais velha deve estar mais determinada a não considerar o passado como um tabu embaraçoso; a geração mais jovem deve ter cuidado com a presunção e os julgamentos ditatoriais que podem ser feitos sem nenhum risco.